Digitized by Google

R. B. ROSENTHAL
LIVROS
Lisboa 2 — Portugal

Digitized by Google

# MARILIA DE DIRCEO.

POR

F. A. G.

*TERCEIRA PARTE.*

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1812.

*Com licença.*

*Vende-se na loja da Gazeta.*

Digitized by Google

Digitized by Google

# AO LEITOR.

A Geral acceitação, que a primeira, e segunda parte da Marilia de Dirceo tem devido ao Público, animou ao seu Editor a dar á luz huma terceira parte da dita Obra, a que fez juntar outras diversas Rimas do mesmo Author, que lhe fazem honra, e que abonão assás a distincta opinião que tem adquirido naquelle genero de Poesia. Adverte o Editor, que huma terceira parte da dita Marilia de Dirceo ha tempos publicada, he Obra de outro engenho, o que facilmente conhecerá ainda o Leitor menos intelligente.



Digitized by Google

Digitized by Google

# MARILIA DE DIRCEO.

## LYRA I.

(Ao. 1811)

CONvidou-me a vêr seu Templo
O cego Cupido hum dia;
Encheo-se de gosto o peito,
Fiz deste Deos hum conceito
Como delle não fazia.

Aqui vejo descorados
Os ternissimos amantes
Entre as cadêas gemerem;
Vejo nas piras arderem
As entranhas palpitantes.

*A quem ama quanto avista,*
(Diz Cupido) *não aterra:*
*Quem quer cingir o loureiro,*
*Tambem vai soffrer primeiro*
*Todo o trabalho da guerra.*

Digitized by Google

*Com tudo que te dilates*
*Neste sitio não convenho;*
*Deixa a estancia lastimosa,*
*Vem vêr a Salla formosa,*
*Aonde o meu Soliq tenho.*

Entro n' outro grande Templo:
Que perspectiva tão grata!
Tudo quanto nelle vejo
Passa além do meu desejo,
E o discurso me arrebata.

He de marmore, e de jaspe
O soberbo frontespicio:
He todo por dentro d' ouro,
E a hum tão rico tesouro
Inda excede o artificio.

As janellas não se adornão
De sedas de finas côres:
Em lugar de cortinados
Estão prezos, e enlaçados
Fastões de mimosas flores.

Digitized by Google

Em torno da Salla Augusta
Ardem dourados brazeiros;
Queimão rezinas, que estàlão,
E postas em fumo exalão
Da Panchaya os gratos cheiros.

Ao pé do Throno os seus Genios
Alegres hymnos entoão:
Danção as Graças formosas;
E aqui as horas gostosas
Em vêz de correrem, yôão.

Estão sobre o pavimento,
Igualmente reclinados
Nos collos de seus amores,
Os grandes Reis, e Pastores
De frescas rosas coroados.

Mal o acôrdo restauro;
(Me diz, o Moço risonho:)
*Como ainda não reparas*
*Em tantas cousas tão raras,*
*De que este Templo componho?*

Digitized by Google

*Sabes a historia de Jove?*
*Aqui tens o manso Touro;*
*Tens o Cisne decantado;*
*A Velha em que foi mudado,*
*Com a grossa chuva d'ouro.*

*Applica, Dirceo, agora*
*Os olhos para esta parte:*
*Aqui tens o verde Louro,*
*Que inda estima o Pastor louro,*
*E a Rede, que enlaça a Marte.*

*Vês este Arco destramente*
*De branco marfim ornado?*
*A' Casta Deosa servia,*
*E o perdêo quando dormia*
*Do gentil Pastor ao lado.*

*Vês esta Lyra? com ella*
*Tira Orpheo ao bem querido*
*Dos infernos aonde estava.*
*Vês este Farol? guiava*
*Ao meu nadador de Abydo.*

Digitized by Google

*Vês estas duas Espadas*
*Ainda de sangue cheias?*
*A Thysbe, e a Dido matárão;*
*E os fortes pulsos armárão*
*De Pyramo, e mais de Eneas.*

*Sabes quem vai no Navio,*
*Que nesse mar se levanta?*
*He Theseo. Vês esse Pomo?*
*He de Cydippe, assim como*
*São aquelles de Atalanta.*

*Vê agora estes retratos,*
*Que destros pinceis fizerão:*
*Ah! que pinturas divinas!*
*Todos são das Heroinas,*
*Que mais victorias me dérão.*

*Repara nesse semblante,*
*He o semblante de Helena:*
*Lá se avista a Grega Armada,*
*E aqui de Troya abrazada*
*Se mostra a funesta scena.*

Digitized by Google

*Vês est'outra* formosura?
*He a bella Deidamía;*
*Lá* tem Achilles ao lado,
*De huma saia disfarçado*
*Como com ella vivia.*

*Cleópatra he quem se segue:*
*Alli tens lançando a linha*
*Marco Antonio socegado,*
*Ao tempo em que Augusto irado,*
*Com armada mão caminha.*

*Aqui Hermes se figura:*
*Vê hum Sabio dos maiores,*
*Qual infame delinquente,*
*Ir desterrado sómente*
*Por contar os seus louvores.*

*Este he de Omphale o retrato:*
*Aqui tens (quem o diria!)*
*Ao grande Hercules sentado*
*Com as mais damas no estrado,*
*Onde em seu obsequio fia.*

BL
Digitized by Google

*Anda agora a est'outra parte:*
*Conheces, Dirceo, aquella?*
Onde váes? (lhe digo:) explica,
Que belleza aqui nos fica,
Sem fazeres caso della?

Ergo os olhos ponho a vista
Na imagem não explicada,
O' quanto he digna de appreço!
Mal exclamo assim, conheço
Ser a minha doce amada.

O coração pelos olhos
Em terno pranto sahia,
E no meu peito saltava:
Disfarçado Amor, olhava
Para mim a furto, e ria.

Depois de passado tempo,
A mim se chega, e me aballa;
Desperto do tanto assombro:
Elle bate no meu hombro,
E assim affavel me falla.

Digitized by Google

*Sim, caro Dirceo, he esta*
*A divina formosura,*
*Que te destina Cupido;*
*Aqui tens o laço urdido*
*Da tua immortal ventura.*

*O Numen, Dirceo, o Numen*
*Que aos trabalhos de hum humano*
*Desta sorte felicita,*
*Não he, como se accredita,*
*Não he hum Numen tyranno.*

*Olha se a cega Fortuna*
*De tudo quanto se cria,*
*Ou nos mares, ou na terra,*
*Em o seu thesouro encerra*
*Outro bem de mais valia?*

*Lizas faces côr de rosa,*
*Brancos dentes, olhos bellos,*
*Grossos beiços encarnados,*
*Pescoço, e peitos nevados,*
*Negros e finos cabellos;*

Digitized by Google

*Não vale mais, que cingires*
*Co' braço de sangue immundo*
*Na cabeça o verde louro?*
*Do que teres montes d'ouro?*
*Do que dares leis ao mundo?*

*Ah! ensina, sim ensina*
*Ao vil mortal atrevido,*
*E ao peito que adora terno,*
*Que tem para hum Inferno,*
*Para o outro hum Ceo, Cupido.*

Ao resto Amor me convida;
Eu chorando a mão lhe beijo:
E lhe digo, Amor, perdôa
Não seguir-te; pois não vôa
A vêr mais o meu dezejo.

Digitized by Google

## LYRA II.

Em vão do amado
Filho que foge,
Venus quer hoje
Noticias ter.

Sagaz, e astuto
Elle se esconde
Em parte aonde
Ninguem o vê.

Dos signaes dados
Bem se conhece,
Que elle aborrece
A Mãi que tem.

Digitized by Google

Se os seus defeitos
Ella publica,
Razão lhe fica
De se offender.

Foge o Menino,
E disfarçado
Vive abrigado
N'uma cruel.

Com mil caricias
A impia o trata;
Nem o desata
Do peito seu.

Se a semelhança
Sempre amor gera,
Deve huma fera
Outra accolher.

Digitized by Google

Ah! se o teu nome,
Marilia, calo,
Que de ti fallo
Bem pódes crer.

Digitized by Google

## LYRA III.

(Dd. 1811)
2. XXVI

Tu não verás, Marilia, cem captivos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudelosos,
Ou da minada Serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pezado esmeril a grossa arêa;
E já brilharem os granetes de ouro,
No fundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens matos,
Queimar as capoeiras inda novas,
Servir de adubo á terra a fertil cinza,
Lançar os grãos nas cóvas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das secas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.



Digitized by Google

Verás em cima da espacosa meza
Altos volumes de enredados feitos;
Ver-me-has folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Em quanto revolver os meus Consultos,
Tu me farás gostosa companhia
Lendo os fastos da sabia, mestra Historia,
Os Cantos da Poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella;
Eu vendo que lhe dás o justo appreço,
Gostoso tornarei a lêr de novo
O cansado processo.

Se encontrares louvada huma belleza,
Marilia, não lhe envejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota idade
A tua formosura.

Digitized by Google

## LYRA IV.

Amor por acaso
A hum pouso chegava,
Aonde accolhida
A Morte se achava.

Risonhos, e alegres
Os braços se dérão,
E as armas unidas
N'um sitio pozerão.

De emprezas tamanhas
Cansados já vinhão,
E em larga conversa
A noite entretinhão.



Digitized by Google

Hum conta que ha pouco
A seta aguçada
Em huma belleza
Deixára empregada.

Diz outro que as flexás
Cravára no peito
De hum grande, que teve
O Mundo sujeito.

Em quanto das forças
Cada hum persumia,
Seus membros já laços
O somno rendia.

Dormindo tranquillos
A noite passárão,
E inda antes da Aurora
Com ancia acordárão.

Digitized by Google

*He tempo que o leito*
*Deixemos*, *ó Morte*,
Amor, já erguido
Fallou desta sorte.

*He tempo*, em resposta
A morte repete,
*Que á nossa fadiga*
*Dormir não compete.*

*As armas colhamos*,
*Voltemos ao giro*:
*Cada hum a seu gosto*
*Empregue o seu tiro.*

Vão inda c' os olhos
Em somno turbados,
Ao sitio em que os ferros
Estão pendurados.

Digitized by Google

Amor para as setas
Da morte se enclina:
De amor logo a Morte
C'o as flexas atina.

Oh golpes tyrannos!
Oh mãos homicidas!
São tiros da Morte
De Amor as feridas.

De hum sonho, que pinto,
Marilia conhece,
Se amor, ou se morte
Este alma padece.

Digitized by Google

## LYRA V.

Eu não sou, minha Nize, pegureiro,
Que viva de guardar alhêo gado;
Nem sou pastor grosseiro
Dos frios gelos, e do Sol queimado,
Que veste as pardas lãs do seu cordeiro.
Graças, ó Nize bella,
Graças á minha Estrella!

A Cresso não igualo no thesouro:
Mas deo-me a Sorte com que honrado viva.
Não cinjo corôa d'ouro;
Mas Póvos mando, e na testa altiva
Verdejar a Corôa do Sagrado Louro.
Graças, ó Nize bella,
Graças á minha Estrella!

Digitized by Google

Maldito seja aquelle, que só trata
De contar escondido a vil riqueza!
Que cego se arrebata
Em buscar nos Avós a vã nobreza,
Com que aos mais homens seus iguaes abata.
Graças, ó Nize bella,
Graças á minha Estrella!

As fortunas que em torno de mim vejo,
Por falsos bens que enganão não reputo;
Mas antes mais desejo,
Não para me voltar soberbo em bruto
Por vêr-me grande quando a mão te beijo.
Graças, ó Nize bella,
Graças á minha Estrella!

Pela Ninfa que jaz vertida em Louro,
O grande Deos Apollo não delira?
Jove mudado em Touro,
E já mudado em Velha não suspira?
Seguir aos Deoses nunca foi desdouro.
Graças, ó Nize bella,
Graças á minha Estrella.

Digitized by Google

Pertendão Hanibaes honrar a Historia,
E cinjão com a mão de sangue chêa
Os louros dá victoria.
Eu revolvo os teus dons na minha idéa:
Só dons que vem do Ceo são minha gloria.
Graças, ó Nize bella,
Graças á minha Estrella!

Digitized by Google

## LYRA VI.

*Traducção.*

Amor que seus passos
Ligeiro movia,
Por mil embaraços
Que hum bosque tecia.

Nos hombros me acena
Com brando raminho;
E logo me ordena
Que siga o caminho.

Por entre a espessura
Do bosque me avanço:
E a traz da ventura
Incauto me lanço.

Digitized by Google

Já tinha calçado
Os montes mais duros:
C' o peito rasgado
Os rios escuros.

Eis que huma serpente
A lingua vibrando,
Me crava o seu dente,
Me deixa espirando.

Então surprendida
Da dôr que a traspassa,
Minha alma ferida
Aos beiços se passa.

As iras detesta
Amor isto vendo,
E as azas na testa
Me bate dizendo:

Digitized by Google

*Tu choras, tu gemes*
*Da Serpe tocado,*
*E o braço não temes*
*De hum Numen irado?*

Digitized by Google

## LYRA VII.

(1811)

Tu, formosa Marilia, já fizeste
Com teus olhos ditosas as campinas,
Do turvo Ribeirão em que nasceste:
Deixa, Marilia, agora
As já lavradas terras;
Anda affoita romper os grossos mares,
Anda encher de alegria estranhas terras.
Ah! que por ti suspírão
Os meus saudosos lares.

Digitized by Google

Não corres como Sapho sem ventura
Em seguimento de hum cruel ingrato,
Que não sede aos encantos da ternura:
Segues a hum fino amante,
Que a perder-te morria.
Quebra os grilhões do sangue, e vem, ó bella;
Tu já foste no Sul a minha guia.
Ah! deves ser no Norte
Tambem a minha Estrella.

Verás ao Deos Neptuno socegado
Aplainar co' tridente as crespas ondas;
Ficar como dormindo o mar salgado.
Verás, verás d' alheta
Soprar o brando vento,
Mover-se o léme, disrinzar-se o linho,
Seguirem os Delfins o movimento,
Que leva na carreira
O empavezado pinho.

Digitized by Google

Verás como o Leão na prôa arfando
Converte em branca espuma as negras ondas
E as talha, e corta com murmurio brando,
Verás, verás Marilia
Da janella dourada,
Que huma comprida estrada representa
A linfa cristalina, que pizada
Pela poupa que foge
Em borbutões rebenta.

Bruto peixe verás de corpo immenso,
Tornar ao torto anzol depois de o terem
Pela rasgada boca ao ar suspenso:
Os pequenos peixinhos
Quaes passaros voarem:
De toninhas verás o mar coalhado,
Ora surgirem, ora mergulharem,
Fingindo ao longe as ondas
Que fórma o vento irado.

Digitized by Google

Verás que o grande monstro se apresenta
Hum repuxo formando com as aguas,
Que ao ar espalha da robusta venta.
Verás em fim, Marilia,
As nuvens levantadas
Humas de côr azul, ou mais escuras,
Outras de côr de rosa, ou prateadas
Fazerem no Orizonte
Mil diversas figuras.

Mal chegares á foz do claro Téjo,
Apenas elle vir o teu semblante
Dará no léme do baixel hum beijo.
Eu lhe direi vaidoso:
Não trago, não comigo
Nem pedras de valor, nem montes d'ouro,
Roubei as aureas Minas, e consigo
Trazer para os teus cofres
Este maior Thesouro.

Digitized by Google

## LYRA VIII.

(1811)

Em cima dos viventes fatigados
As verdes dormideiras espremia,
Os mentirosos sonhos me cercavão.
Na vaga fantasia
Ao vivo me pintavão
As glorias, que disperto
Meu coração pedia.

Eu vou, eu vou subindo a Náo possante
Nos braços conduzindo a minha bella;
Voltêa a grande roda, e a grossa amarra
Se enlêa em torno della:
Já ponho a prôa á barra,
Já cáhe ao som do apito
Ora huma, ora outra véla.



Digitized by Google

Os arvoredos já se não distinguem:
A longa praia ao longe não branqueija;
E já se vão sumindo os altos montes.
Já não ha que se veja
Nos claros Orizontes,
Que não sejão vapores,
Que Ceo, e mar não seja.

Parece vão correndo as negras ondas,
E o pinho qual rochedo estar parado:
Ergue-se a onda, vem á Náo direita
E quebra no costado:
O Navio se deita,
E ella finge a ladeira
Sahindo do outro lado.

Vejo nadarem os brilhantes peixes;
Cahir do Láes a linha, que os engana:
Hum dourado no anzol está pendente,
Soffre morte tyranna:
Entre tanto que a sente
Ao tombadilho açoita
A cauda, e a barbatana.

Digitized by Google

Sobre as ondas descubro huma Carroça
De formosas conchinhas enfeitada;
Delfins a movem, e vem Thetis nella:
Na popa está parada:
Nem póde a Deosa bella
Tirar os brandos olhos
Da minha doce amada.

Nas costas dos Golfinhos vem montados
Os nûz Tritões, deixando a Esfera cheia
Co' rouço som dos buzios retorcidos.
Recrêa, sim recrêa
Meus attentos ouvidos
O canto sonoroso
Da musica Serêa.

Já sóbe ao grande mastro o bom gageiro;
Descobre arrumação, e grita terra:
A' murada caminha alegre a gente;
Alguns entendem que erra:
Pelo immovel sómente
Conheço não ser nuvem,
Sim o cume de alta serra.



Digitized by Google

De Mafra já descubro as grandes torres:
(E que nova alegria me arrebata!)
De Cascaes a muleta já vem perto,
Já de abordar-nos trata:
Já o piloto esperto
Inda debaixo manda
Soltar mezena, e gata.

Eu vou entrando na espaçosa barra:
A grossa artilheria já me atrôa.
Lá ficão Paço de Arcos, e a Junqueira.
Já corre pela prôa
Huma amarra ligeira;
E a Náo já fica surta
Diante da grã Lisboa.

Agora, agora sim, agora espero
Renovar da amizade antigos laços:
Eu vejo ao velho Pai, que lentamente
Arrasta a mim os passos:
Ah como vem contente!
De longe mal me avista
Já vem abrindo os braços.

Digitized by Google

Dóbro os joelhos pelos pés o aperto,
E manda que dos pés ao peito passe:
Marilia quanto eu fiz fazer intenta;
Antes que os pés lhe abrace
Nos braços a sustenta;
Dá-lhe de filha o nome,
Beija-lhe a branca face.

Vou a descer a escada (ó Ceos!) acórdo,
Conheço não estar no claro Téjo.
Abro os olhos, procuro a minha amada,
E nem se quer a vejo.
Venha a hora affortunada,
Em que não fique em sonhos
Tão ardente desejo.

Digitized by Google

*A huma despedida.*

Chegou-se o dia mais triste,
Que o dia da morte fêa:
Cahi do throno Dirtéa,
Do throno dos braços teus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

Impio Fado, que não pôde
Os doces laços quebrar-me,
Por vingança quer levar-me
Distante dos olhos teus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

Parto em fim, e vou sem vêr-te,
Que neste fatal instante,
Ha de ser o teu semblante
Mui funesto aos olhos meus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

Digitized by Google

E crês, Dircéa, que devem
Vêr meus olhos penduradas
Tristes lagrimas salgadas
Correrem dos olhos teus?
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

De teus olhos engraçados,
Que podérão piedosos,
De tristes em venturosos
Converter os dias meus?
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

Desses teus olhos divinos,
Que ternos, e socegados
Enchem de flores os prados,
Enchem de luzes os Ceos?
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

Digitized by Google

Desses teus olhos em fim,
Que domão Tigres valentes?
Que nem rigidas Serpentes
Resistem aos tiros seus?
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

Da maneira que serião
Em não vêr-te criminosos
Em quanto forão ditosos,
Agora serião réos.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

Parto em fim, Dircéa bella,
Rasgando os ares cinzentos;
Virão nas azas dos ventos
Buscar-te os suspiros meus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

Digitized by Google

Talvez, Dircéa adorada,
Que os duros Fados me neguem
A gloria de que elles cheguem
Aos ternos ouvidos teus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

Mas se ditosos chegarem,
Pois os sólto a teu respeito;
Dá-lhes abrigo no peito,
Junta-os c' os suspiros teus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

E quando tornar a vêr-te
Ajuntando rosto, a rosto,
Entre os que dérmos de gosto;
Restitue-me então os meus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

Digitized by Google

---

## CANÇÃO.

Dês que vi, formosa Elvira,
Os teus divinos cabellos,
Esses vivos olhos bellos,
Que invéja dos astros são,
Foi-se, Elvira, foi-se embora
Toda a paz do coração.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Digitized by Google

Em quanto, Elvira, se occulta
A meus olhos teu semblante,
Hum minuto, hum breve instante
Parece que fim não tem.
Se alcanço de vêr-te a gloria,
Então vôa o tempo bem.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Quando te ris por acaso
Para outro qualquer sugeito,
Estala dentro do peito
De ciume o coração:
Se me pões os olhos julgo
Que zombas de mim então.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Digitized by Google

Quando ha brinco na floresta,
E a divina Olaia canta,
O mesmo gado levanta
A cabeça para ouvir.
Só por mais que Alceo forceje
Não póde o prazer fingir.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Quando levo á clara fonte
O rebanho do meu gado,
Cáhe-me da mão o cajado,
E com ella á testa vou:
Fico pasmado, e ignoro
O lugar aonde estou.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Digitized by Google

Quando vou segar o trigo,
(Olha bem como ando cego.)
N' uma parte nelle pego,
Metto n' outra a fouce em vão;
Dos que vem alguns se riem,
Outros mostrão compaixão.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Quando me deito no colmo,
Sempre sonho que te vejo,
Que te fallo, e que te beijo
A branca nevada mão.
Acórdo, Pastora, e foges:
Eu fico mais triste então.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Digitized by Google

Quando alguem meu mal pergunta,
Bem que seja a vez primeira,
Rompo ainda que não queira
O segredo sem saber.
O teu nome, Elvira, digo,
Quando devo o seu dizer.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Fujo ao trato dos pastores,
Para hum bosque me retiro;
Com desafogo suspiro,
E chamo por ti meu bem.
Os valles que se enternecem
Chamão-te ao longe tambem.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Digitized by Google

Quando escuto o triste mocho
A gemer no meu telhado,
Qualquer mal excogitado
Não me deve algum temor:
Só receio que me agoure
Máo successo ao meu amor.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Os pastores que me avistão
Com o dedo já me apontão,
E á roda do fogo contão
Da maneira que me vem.
Sou o exemplo dos amantes
Que esta nossa Aldêa tem.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Digitized by Google

## SONETO I.

He gentil, he prendada a minha Altéa;
As graças, a modestia do seu rosto
Inspírão no meu peito maior gosto,
Que vêr o proprio trigo quando ondêa.

Mas vendo o lindo gesto de Dircéa
A nova sugeição me vejo exposto;
Ah! que he mais engraçado, mais composto,
Que a pura Esfera de mil astros chêa.

Prender as duas com grilhões estreitos
He huma acção (ó Deoses!) inconstante,
Indigna de sinceros, nobres peitos.

Cupido, se tens dó de hum triste amante,
Ou fórma de Lorino dous sugeitos,
Ou fórma desses dous hum só semblante.

Digitized by Google

## SONETO II.

N'um fertil campo do soberbo Douro,
Dormindo sobre a relva descançava,
Quando vi que a Fortuna me mostrava
Com alegre semblante o seu Thesouro.

De huma parte hũ montão de prata, e ouro
Com pedras de valor o chão curvava;
Aqui hum sceptro, alli hum trono estava,
Pendião coroas mil de grama, e louro.

*Acabou-se* (diz-me então) *a desventura:*
*De quantos bens te exponho qual te agrada,*
*Pois benigna os concedo, vai, procura.*

Escolhi, acordei, e não vi nada:
Commigo assentei logo que a ventura
Nunca chega a passar de ser sonhada.



Digitized by Google

## SONETO III.

Enganei-me, enganei-me, paciencia;
Accreditei as vozes, cri, Ormia,
Que a tua singeleza igualaria
A' tua mais-que angelica apparencia.

Enganei-me, enganei-me, paciencia;
Ao menos conheci que não devia,
Pôr nas mãos de huma externa galhardia
O prazer, o socego, e a innocencia.

Enganei-me, Cruel, com teu semblante,
E nada me admiro de faltares,
Que esse teu sexo nunca foi constante.

Mas tu perdestes mais em me enganares;
Que tu não acharás huma firme amante,
E eu posso de traidoras ter milhares.

Digitized by Google

## SONETO IV.

Ainda que de Laura esteja ausente,
Ha de a chama durar no peito amante;
Que existe retratado o seu semblante,
Se não nos olhos meus, na minha mente.

Mil vezes finjo vêla, e eternamente
Abraço a sombra vã; só nesse instante
Conheço que ella está de mim distante,
Que tudo he illusão que esta alma sente.

Talvez que ao bem de a vêr Amor resista;
Porque minha paixão, que aos Ceos he grata,
Por innocente assim melhor persista:

Pois quando só na idéa ma retrata,
Debuxa os dotes com que prende vista,
Esconde as obras com que offende ingrata.



Digitized by Google

## SONETO V.

Ao Templo do Destino fui levado:
Sobre o Altar hum Cofre se firmava,
Em cujo seio cada qual buscava
Tremendo annuncio do futuro estado.

Tiro hum papel, e leio: Ceo Sagrado!
Com quanta causa o coração pulsava:
Este duro Decreto escrito estava,
Com negra tinta pela mão do Fado.

*Adore Polidoro a bella Ormia,*
*Sem della conseguir a recompensa,*
*Nem quebrar-lhe os grilhões a tyrannia.*

Das mãos, Amor mo arranca, e sem detença
Tres vezes o levando á boca impía,
Jurou comprir á risca a tal sentença.

Digitized by Google

## SONETO VI.

Ergue-te, ó Pedra, e desde a margem fria,
Que os muros banha a Lusitana Athenas,
Mostra-me as desmaiadas assucenas
Do rosto que me occupa a fantasia.

Deixa q̃ eu beije a mão, q̃ pôde hum dia
Ceder de amor ás lastimosas scenas;
Q' entre as ancias, a dôr, a mágoa, as penas
Renove a saudosa idolatria.

Solto do véo mortal, oh Feliz Astro,
Une ao cadaver a truncada testa,
Levanta o bello cólo de alabastro:

Huma alma grande junto a ti protesta
Fazer a gloria da defunta Castro;
A illustre Neta vez: Maria he esta.

*A' Illustrissima e Excellentissima Senhora Condessa de Cavalleiros, D. Maria José de Eça e Bourbon.*

Digitized by Google

## SONETO VII.

Quantas vezes Lidora me dizia,
Ao terno peito minha mão levando,
Conjurem-se em meu mal os Astros, quando
Achares no meu peito aleivosia.

Então que não chorasse lhe pedia,
Por firme seu amor acreditando;
Ah! que em movendo os olhos suspirando
Ao mais acautellado enganaria.

Hum anno assim viveo: ó Ceos! agora
Mostrou que era mulher: a natureza
Só por não se mudar a fez traidora.

Não, não darei mais cultos á belleza,
Que depois de faltar á fé, Lidora,
Nem creio que nas Deosas ha firmeza.

Digitized by Google

## SONETO VIII.

O Numen Tutelar da Monarquia,
Que fez do grande Henrique a invicta espada,
Procurou dos Destinos a morada,
Por consultar a idade que viria.

A mil, e mil heróes descriptos via,
Que exaltão de Furtado a estirpe honrada,
E na serie, que adora dilatada,
O nome de Francisco descobria.

Contempla huma por hũa as letras d'ouro,
Este penhor, que o tempo não consome,
Promette ao Reino seu maior thesouro.

Prosta-se o Genio: e sem q̃ a empreza tome
De lhe buscar sequer mais outro agoiro,
O sitio beija, e lhe mostra o nome.

*Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Visconde de Barbacena, Francisco Furtado de Mendonça.*

Digitized by Google

## SONETO IX.

Nascer no berço da maior grandeza,
De palmas, e de louros rodeado,
Deve-se aos grandes Pais, ao Tronco honrado,
Que illustra desde longe a natureza.

Se porém muito mais se adora, e preza
O dom que o nobre sangue trás herdado
Pela propria virtude sustentado,
Feliz o objecto da presente empreza.

De mil Heróes no Téjo vencedores
Hum ramo nasce, hum ramo que a memoria
Faz immortal de seus Progenitores.

Eu leio em vaticinio a sua historia;
Une Francisco a par de seus maiores
Ao herdado explendor a propria gloria.

*Ao mesmo excellentissimo Visconde.*

Digitized by Google

## SONETE X.

Mudou-se em fim Lidora, essa Lidora
Por quem mil vezes fé me foi jurada;
Que vos detem (ó Ceos!) que castigada
Ainda não deixais tão vil traidora?

Não haja piedade: sinta agora
A dita sem remedio em mal trocada;
Pois se assim não succede, fica ousada
Para ser outra vez enganadora.

Vingai, ó justos Ceos..., mas ah! q̃ digo?
Que maltrateis Lidora? o sentimento
Privou-me do discurso, eu me desdigo.

Não, não vibreis o raio violento;
Pois sei que a compaixão do seu castigo,
Hade augmentar depois o meu tormento.

Digitized by Google

## SONETO XI.

A Deos cabana, a Deos; a Deos, ó gado,
Albina ingrata, a Deos, em paz te deixo:
A Deos doce rabil, neste alto freixo
Te fica ao meu destino consagrado.

Se te for meu successo perguntado,
Não declares rabil de quem me queixo;
Não quero que se saiba vive Aleixo
Por causa de huma infame desterrado.

Se vires a Pastor desconhecido,
Lhe dize então piedoso: Ah! vaite embora,
Atalha os damnos, que outros tem sentido.

Habita nesta Aldêa huma Pastora
De rosto bello, coração fingido,
Humas vezes cruel, e as mais traidora.

Digitized by Google

## SONETO XII.

Com pezadas cadeias maniatado,
A's vozes da razão insurdecido,
Dos Ceos, de mim, dos homens esquecido
Me vi de amor nas trévas sepultado.

Alli aliviava o meu cuidado
Cõ dar de quando em quando algum gemido:
Ah tempo! que sómente reflectido
Me fazes entre as ditas desgraçado.

Assim vivia, quando a falsidade
De Laura me tornou n'um breve dia
Quanto a razão não pôde em longa idade.

Quebrei o vil grilhão que me opprimia:
O' feliz de quem gosa a liberdade!
Bem que venha por mãos da aleivosia.

Digitized by Google

## SONETO XIII.

Obrei quanto o discurso me guiava;
Ouvi os Sabios quando errar temia:
Aos bons no gabinete o peito abria;
Na rua a todos como iguaes honrava.

Julgando os crimes nunca voto dava
Mais duro, ou pio do que a Lei pedia;
Mas podendo salvar o justo ria,
E devendo punir ao réo chorava.

Nem forão, Villa Rica, os meus intentos
Metter em ferreo cofre copia d'ouro,
Que chegue aos filhos, e que passe aos netos.

Outras são as venturas que me agouro:
Ganhei saudades, adquiri affectos,
Vou fazer destes bens melhor thesouro.

*Feito quando o Author acabou o Lugar de Ouvidor de Villa Rica, e foi despachado para Desembargador da Bahia.*

Digitized by Google

## SONETO XIV.

Quando o torcido buço derramava
Terror no aspecto ao Portuguez sisudo,
Quando sem pó, nem oleo o pente agudo
Duro intonso o cabello em laço atava.

Quando contra os Irmáos o braço armava
O forte Nuno oppondo escudo, a escudo;
Quando a palavra que perfere a tudo
Com a barba arrancada João firmava.

Quando a mulher á sombra do marido
Tremer se via: quando a Lei prudente
Zelava o sexo do civil ruido;

Feliz então, então só innocente
Era de Luso o Reino: oh bem perdido!
Ditosa condição, ditosa gente!

Digitized by Google

## SONETO XV.

Sombras illustres dos varões famosos,
Que á Grecia, e Roma destes Leis hum dia;
Vós que do Elysio na região sombria
Respiraes entre os Zefiros mimosos.

Grande Licurgo, ó tu Solon, q̃ honrosos
Louros cingis, que egregia companhia
Fazeis aos Mazzarinos, eu queria
Adorar vossos vultos magestosos.

Vós fizesteis da vossa Patria a gloria;
Por vós hoje he feliz a humanidade:
Que dignos sois de huma immortal historia!

Cesce, cesse porém vossa vaidade;
Que basta a escurecer vossa memória
Hum Carvalho, que adora a nossa idade.

*Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez de Pombal reformando a Universidade de Coimbra.*

Digitized by Google

## SONETO XVI.

As molles azas a bater começa
Entre as palhas o tenro passarinho,
E largos dias por deixar o ninho
Se cança, se fadiga, se arremeça.

Hũ impulso, outro impulso é vão se apresa,
Já se firma no pé, já no biquinho,
Nas folhas se tem, passa ao raminho
Té que a penna se esforçe, e se endureça.

Quando emfim he capaz de movimento
Deixa os arbustos vaga pelos ares,
E sobre as altas faias toma assento:

Estes sejão, Salicio, os exemplares
Em que a vossa virtude anime o alento,
Porque hum dia da Fama honre os Altares.

Digitized by Google

---

*Ao Illustrissimo Senhor Luiz Beltrão de Gouvea.*

## O D E.

Se entre as louras arêas
Do meu Jaquitinhonha, hum Genio erguido
A's Regiões alheas
Manda que em doce metro reppetido
Hoje o teu Nome leve,
Tanto á virtude, meu Beltrão, se deve.

Vejo a sordida inveja
De ira morder-se, e as serpes sacudindo
Por se tragar forceja:
De pejo, e de vergonha em vão cobrindo
Co' as frias mãos o rosto,
Geme a calumnia no mortal desgosto.

Vós, Genios fortunados,
Que do Templo da Gloria honrais a estancia,
Os meritos sagrados
Cantai do bom Ministro: He a constancia,
A sabia fortaleza
He quem o guia na maior empreza.

Digitized by Google

Se os rigidos palmares
Da Idumeya consulto; o bravo Noto
Os tormentosos ares
Não podem mais dobralos: zomba immoto,
Nem ás ondas tem medo
Sobranceiro ao Egeo, firme penedo.

Tal a constancia tua
Em meio foi dos perfidos rumores;
A verdade, que nua
Derramava em teu rosto as vivas côres,
Sobre as aras decentes
Vio por triunfo mil trofeos pendentes.

A vigilancia, o zelo,
A recoldão do espirito; elevada
Ao gráo mais rico, e bello,
Essa virtude, que nos traz provada
Em meio dos Thesouros
A sá virtude, que enobrece os Louros:

Tudo, tudo apparece
Sabio Ministro da victoria ao lado;
Athenas, que me offerece
No seu público Erario accreditado
Aristides, o Justo,
Em ti acena o seu modelo augusto.



Digitized by Google

Mil vezes orgulhosa
Negra calumnia o seu desterro tenta;
A' virtude preciosa
Contra o fero Themistocles sustenta.
Não ha força que baste,
Não ha poder que o peito lhe contraste.

Feliz o Rei, o Povo,
Feliz tambem de Themis a ballança;
De hum modo raro, e novo
Nas tuas mãos eu vejo, que descança:
Aos premios, ao castigo
Se reparte sem queixa o braço amigo.

Ah! sinta a nossa idade
De hum sangue illustre, de hum talento raro
A próvida igualdade!
Melhor do que nos marmores de Pharo,
Em memoria aos vindouros
T'ergue o Serro hũ Padrão nos seus Thesouros.

Digitized by Google

---

*Imitando o sonho de Scipião.*

## O D E.

Já vou tocando, ó Licio,
De Lustros dez o fatigado termo;
E já meu corpo enfermo
Se avisinha da morte ao duro officio:
Que cedo o meu destino me promette
Calcar as sombras do medonho Lethe!

Eu descerei contente
A ver os Manes dos Avós amados;
Que bem aventurados,
Se outro mundo tratarão, se outra gente!
Não virão elles, como eu triste vejo,
O velho mundo peiorar sem pejo.

Passárão da innocencia
Pela candida estrada os pés levando;
Inda a fera violencia
Não corrompia da Justiça o mando;
Praticava-se a próvida igualdade
Entre a Santa Virtude, e a vil maldade.

Digitized by Google

A pura fé do Amigo,
Renovava de Orestes a memoria:
Commum era o perigo,
Reciproca tambem a pena, a gloria:
Que traições, e que enganos tem disposto
Em nossos dias hum fingido rosto!

Tudo se vê mudado
Nesta idade fatal em que de ferro
O Idolo adorado
Torpemente protege o crime, o erro:
Como de susto, e de vergonha cheia
Se retira de nós a bella Astrea!

Ah! E quem de teus laços
Deve ao pezo gemer, ó mundo cego?
Rotos em mil pedaços
Os teus grilhões a pendurar já chego;
Não mais os teus encantos me deleitem,
Estes miseros restos se aproveitem.

Que differentes climas
Já me finjo habitar! Os brandos ares,
Que tu Zefiro, animas
Que prazeres me inspirão! Dos pezares,
Das magoas, do desgosto, e do tormento
Aqui não sôa o tragico lamento.

Digitized by Google

Sôlto do mortal manto
Cuido que o centro dos Elysios
Oh quanto he bella, quam
A margem deste Lago! Em fre
Lirios, e rosas, quaes não colh
Aqui saudão a perpetua Aurora.

Adoravel sciencia,
Que encheste as noites, e esgota
Da humana intelligencia;
Agora sei quam longe te desvia
Este o seio da luz, aonde tudo
Sem fadiga se alcança, e sem estudo.

O número, a distancia
Dos Orbes Celestiaes já sabio admiro:
Noto a eterna constancia
Do Planeta da Luz; observo o giro
Da Terra, que regula a varia face
Com que a proxima Lua, ou morre, ou nasce.

Certa, e firme a carreira
Já marco de Saturno, Marte, ou Jove,
Da esfera derradeira
Contemplo a força, que os mais Orbes move;
A harmonia me encanta acorde, e rara,
Que de Samos o Sabio já notára.

Digitized by Google

Aqui se patentêa
Dos errados systemas o conceito;
E longe a minha idéa
De vaçilar, já firma o mais perfeito.
Quem senão tu, ó Genio, sobre humano
Libertar me podéra deste engano!

De Massinissa o Paço
De Carthago ao Heróe tal scena pinta:
Ao soberbo ameaço
Da Fortuna, elle vê clara, e distincta,
Qual o meu Genio me retrata agora,
A bella Patria, onde o descanço mora.

He este, ó Licio, he este
Sem dúvida, o Paiz bello, e sereno,
Aonde em paz celeste
Não respira da inveja o atroz veneno:
E aonde livres da infeliz mudança
Descança o teu, e o meu bom Pai descança.

Que doce companhia
Deveremos fazer-lhes? Ah se apresse
O momento que hum dia
Tão gostosa união nos lavra, e tece!
Cheguemos a beijar as Mãos Sagradas,
Que enchem de gloria as immortais Moradas.

Digitized by Google

Em praticas suaves
Alli as breves horas gastaremos;
Nem já nos serão graves
Na lembrança os trabalhos que aqui temos;
Nem da pezada humanidade nossa
Pena haverá, que atormentar-nos possa.

Mas tu, que dos humanos
Reges, ó Grande Deos, a dubia sorte;
Tu, que a meta dos annos
Firmas, descendo de teu mando a morte,
Dilata os dias do meu Licio, em quanto
Douto me instrue, e me entertem seu canto.

FIM.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google